

RECURSOS NATURAIS DA CAATINGA UTILIZADOS NOS RITUAIS DO POVO INDÍGENA PANKARARU (PERNAMBUCO/BRASIL)

Antônio Carlos de Barros¹
Andrea Quirino Steiner²

Introdução

A caatinga é um ecossistema com fitofisionomias variadas, principalmente em relação à densidade e ao porte das plantas (AMORIM et al., 2005). Sua biodiversidade é fonte de riqueza para os índios Pankararu, que através de conhecimentos tradicionais usam seus recursos, inclusive como subsídios na construção de elementos para seus ritos sagrados.

A palavra “caatinga” vem do tupi e significa “mata branca”, sendo o único ecossistema exclusivamente brasileiro. Com extensão territorial de 734.478 km² (cerca de 10% do território nacional), está presente nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Bahia, Piauí e Minas Gerais (HUECK, 1972; AB’SABER, 2003; FERNANDES, 2003).

A ação antrópica já alterou 80% da cobertura original desse ecossistema, que atualmente tem menos de 1% de sua área protegida em unidades de conservação (HUECK, 1972; AB’SABER, 2003; FERNANDES, 2003).

A população Pankararu naquela região possui aproximadamente 9.000 mil índios, segundo censo 2010 da Fundação Nacional da Saúde, distribuída entre 15 aldeias (pequenas comunidades rurais) (FUNASA, 2010 apud ISA, 2013). Localiza-se entre os municípios pernambucanos de Jatobá, Tacaratu e Petrolândia.

Dentre essas aldeias acontece uma série de atividades tradicionais, desde os rituais religiosos até a confecção de artesanatos diversos. Tais aldeias buscam, ainda, a construção de uma política educacional e social tendo como base as experiências destas práticas tradicionais.

Neste sentido, é importante ressaltar que a cultura Pankararu está intimamente ligada aos recursos naturais do bioma caatinga, inclusive no âmbito de preservação da identidade. Assim, defender a biodiversidade é primordial para aquele povo.

A pesquisa que originou este trabalho teve como objetivo identificar quais recursos naturais são extraídos da caatinga pela comunidade indígena Pankararu (PE) para uso em rituais ligados às suas tradições. Para tal, foram realizadas revisão bibliográfica, entrevistas e observação-participante na Aldeia de Brejo dos Padres (Tacaratu/PE, Brasil).

Os Pankararus e os Recursos Naturais da Caatinga

A Aldeia de Brejo dos Padres (Tacaratu/PE) é um pequeno brejo, de várias fontes e nascentes, localizado entre algumas serras próximas às margens do Rio São Francisco. Uma dessas serras, conhecida como Serra Grande, é bastante utilizada pelos Pankararus e possui grande importância para esse povo.

Apesar da localidade estar imersa no semiárido nordestino, as terras Pankararu são bastante úmidas e possuem diversas fontes e nascentes, que na década de 1990 formavam pequenos riachos que escorriam até os afluentes do Rio São Francisco. Ademais, tais terras possuem uma grande variedade de fruteiras, nativas e exóticas, cujos frutos complementam a renda familiar no período de estiagem. Nessa região também floresce o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), árvore frutífera nativa da caatinga e símbolo da mitologia presente nas festividades. Similarmente, os moradores da aldeia extraem madeiras da reserva, com o cuidado de não esgotá-las. De forma geral, a qualidade do solo permite uma variedade de culturas, desde o milho e os diferentes tipos de feijão até a mandioca, que também faz parte da cultura Pankararu.

O povo Pankararu se relaciona com o mundo encantado através dos rituais e dos seus instrumentos. O Quadro 01 traz um resumo dos recursos vegetais da

caatinga utilizados nos ritos sagrados dos Pankararus conforme levantado pela pesquisa e discutido a seguir.

O praiá protege os índios da aldeia e requer uma vestimenta especial. O casaco de cima do praiá é chamado de tonam e o de baixo é a saia, ambos fabricados da fibra do croá. A parte da cabeça é chamada de penacho, feito de plumas de galo e peru (Figura 01). Cada praiá tem um dom, ou seja, uma ciência inexplicável, onde é possível sentir a presença do espírito e até mesmo incorporá-lo. Cada praiá também tem um dono, chamado de pai ou zelador do praiá, que cuida do praiá e zela por ele. O pai do praiá utiliza sua ciência para ajudar as pessoas necessitadas, que buscam a cura, a proteção e a orientação dos encantados:

Os *encantados* são seres sobre-humanos. Todo *encantado* foi um humano que se transformou em um ser que habita o cosmos. Alguns homens, principalmente por suas condutas sociais, transformam-se em seres sobre-humanos através do *encantamento*. Estes, em geral, praticavam ações vinculadas à cura, havendo casos inclusive de religiosos, capelães e também Pankararu que se encantaram. (...) Os *encantados*, através de sonhos, transmitem a seus “zeladores” ou “pais” seu nome – há diversos nomes de pássaros –, decoração da vestimenta, passos rituais que serão executados no terreiro, e seu *toante* – música de cada *praiá*. Os “zeladores de *praiás*” têm como atribuições confeccionar as vestimentas dos *praiás* e oferecer fumo regularmente aos *encantados* (MATTA, 2009: 166-167, grifos da autora).

O *maracá* é um símbolo sagrado, usado para dar ritmo aos rituais. É fabricado com o fruto do coité (*Crescentia cujete*). Há também outros instrumentos musicais usados nos rituais: a gaita, o pífano e o rabo de tatu (Figura 02). Possuem vários significados, e são tocados para chamar a comunidade para os rituais ou para chamar os encantados para formar o batalhão de praiás. Os materiais utilizados na sua fabricação são canos de PVC, madeira (principalmente da umburana-de-cambão, *Bursera leptophloeos*) e cauda de tatu, respectivamente.

O *campiô*, cachimbo feito de barro ou com a madeira da jurema branca, é uma das principais ligações entre o homem e o encantado, a matéria e o espírito. Nele se utiliza o fumo de rolo.

O *aió* é um elemento da tradição utilizado para carregar o *maracá* e o fumo ou para caça. É feito de *croá*.

A alimentação também é crucial aos rituais. De forma geral, atualmente inclui a carne de cabra e comidas de milho diversas. Abrange, ainda, recursos coletados do ambiente, como certas frutas (pinha, imbu, entre outras) e carne de caça.

Durante os rituais são usados pratos de barro para a alimentação. As mulheres trazem os alimentos em cestos de cipó-de-macaco (*Stenolobium velutinum*), que são repassados para os homens participantes dos rituais. Geralmente a refeição inclui arroz, carne de boi e farinha e/ou pirão de mandioca. A bebida é constituída por garapa de cana ou de rapadura. Acerca do ritual denominado Corrida do Imbu (enfocado a seguir):

Uma parte importante da cerimônia são as refeições oferecidas aos *encantados* e a todos os participantes, vindo estabelecer um circuito de trocas entre o mundo visível e o invisível. O “zelador” do terreiro oferece o almoço aos *praiás* e aos demais participantes do ritual. Os *praiás* fazem suas refeições, durante os rituais, em um local reservado denominado *poró* (MATTA, 2009: p. 168, grifos da autora)

De fato, a Corrida do Imbu é um ritual que exemplifica bem a relação dos Pankararu com a natureza. Realizada com um dos recursos mais importantes para os povos da caatinga (LINS NETO et al., 2005), a árvore *Spondias tuberosa* ou umbuzeiro:

De acordo com um relato do mito de surgimento dos *encantados*, durante um ritual em um terreiro, em um tempo de escassez, o cantador e sua esposa negam fumo ao comandante da dança e são destinados a se tornar imbu, para fornecer fruto o ano todo, e raposa por terem quebrado as regras de convívio social. Então, oito homens vão para a cachoeira de Itaparica e são transportados ao fundo das águas por uma peneira onde se transformam em *encantados*. É anunciado um mundo de fartura, repleto de canto, música, fumo e comida que pode ser compartilhado com os homens através de relações de reciprocidades (MATTA, 2009: p. 167, grifos da autora).

Ainda segundo Matta (2009), a Corrida do Imbu sinaliza o começo da estação chuvosa e o início do período do plantio. Considerando o aspecto religioso, celebra a

participação dos encantados ligados aos Pankararu e, conforme apresentado anteriormente, “funda a relação de reciprocidade entre os humanos e os sobre-humanos” (p. 166). Envolve música, dança e ofertas de alimentos e bebidas, e “sua força central está nas máscaras rituais denominadas *praiás*” (p. 166, grifo da autora).

A Corrida do Imbu

Em um sábado, uma semana antes de começar a Corrida do Imbu, no terreiro e mais ou menos entre meia noite e uma hora da manhã, os folguedos saem e escolhem as moças perguntando:

– Mamãe vai botar cesto este ano?

Ao que se responde:

– Se Deus quiser sim.

Então aquelas moças dançam os passos que serão cantados e dançados em louvor à natureza até o término das corridas.

Quadro 01. Plantas da caatinga utilizadas pelos Pankararu de Pernambuco para finalidades diversas.

Família / Nome científico*	Nome popular na região	Utilização
Anacardiaceae <i>Spondias tuberosa</i>	Imbuzeiro, umbuzeiro	O fruto e a “batata” das raízes são utilizados na alimentação; os galhos, no ritual do Flechamento do Imbu
Arecaceae <i>Syagrus coronata</i>	Oricuri, Ouricuri	A palha é utilizada na confecção de chapéus para o ritual do Menino do Rancho e a Dança do Búzio
Bigoniaceae <i>Crescentia cujete</i>	Cabaça, coité, cuité	O fruto é utilizado na fabricação dos maracás
Bromeliaceae <i>Neoglaziovia variegata</i>	Croá, caroá	A fibra é utilizada na confecção dos <i>praiás</i> (casaco e tonam)
Burseraceae <i>Bursera leptophloeos</i>	Imburana-de-cambão, umburana-de-cambão	A madeira é utilizada para confeccionar pífanos

Fabaceae <i>Amburana cearenses</i>	Imburana-de-cheiro, umburana-de-cheiro	As sementes são colocadas no cachimbo, misturadas no fumo para exalar um odor agradável
Fabaceae <i>Pithecellobium diversifolium</i>	Jurema branca	Fabricação de cachimbos
Fabaceae <i>Stenolobium velutinum</i>	Cipó-de-macaco	Cestos para carregar alimentos e para utilização em rituais, como na Dança da Cansação
Urticaceae (várias espécies)	Cansação, ortiga, urtiga	Os ramos são utilizados em folguedos e rituais diversos: Corrida do Imbu, Dança da Cansação, Queima da Cansação, Toré

*Alguns nomes comuns listados aqui designam várias plantas da mesma família.

Figura 01 – Fotografia de praiás Pankararus na Aldeia de Brejo dos Padres (PE), com destaque para os penachos, geralmente feitos com penas de peru.



Foto: Antônio Carlos Barros (2013).

Figura 02 – Indígenas Pankararu tocam rabo de tatu (à esquerda) e pífano de PVC (centro). A música é um elemento central dos rituais Pankararus.



Foto: Antônio Carlos Barros (2013).

Quando é encontrado o primeiro imbu maduro da safra, não se pode ingeri-lo. Este deve ser entregue aos mais velhos para que aconteça o chamado Flechamento de Imbu, geralmente entre de outubro e dezembro. Em uma forquilha é colocado o primeiro imbu encontrado, com mais alguns imbus em uma folha de mamoneira, que é amarrado no meio da forquilha. De arco e flecha na mão, os praiás vão tentar flechar o imbu. Se estes não conseguirem, os demais índios passam a tentar acertar: “Aos *praiás* cabe flechar os imbus para depois disputarem um cabo de força – homens X homens, no Brejo dos Padres, e homens X *praiás*, na aldeia Serrinha – cujo resultado final define a sorte da colheita do ano”. (MATTA, 2009: p. 168, grifos da autora).

Após flecharem o imbu há o puxamento do cipó. Se o cipó descer, significa bons tempos. Um ano bom de colheita de legumes e frutas. Se o cipó subir, significa tempo ruim, com pouca chuva e seca. Depois dançam o toré, dando início ao ciclo tradicional da Corrida do Imbu.

A Corrida do Imbu é composta, principalmente, por quatro rituais: Noite dos Passos, Queima da Cansanção, Imbuzada e Saída do Mestre Guia. A Noite dos Passos inclui danças com os *praiás* e moças dançadeiras, com cantos específicos, geralmente envolvendo animais (MATTA, 2009).

Uma semana depois ocorre a primeira corrida. Os *praiás* começam a dançar no sábado à noite até amanhecer. No domingo pela manhã, continuam cantando e dançando, enquanto as moças começam a chegar com os cestos de frutas, refrigerantes e doces, geralmente confeccionados com cipó-de-macaco. Os dançadores ou tiradores dos cestos vão trazendo os galhos de cansanção. É o ritual da Queima da Cansanção, onde o recurso natural central é a cansanção, ou urtiga. Esta planta da Família Urticaceae possui propriedades urticantes e causa coceira e queimação na pele:

Um cortejo com todos os participantes, conduzido pelas 'moças' que estão oferecendo os cestos aos *encantados*, leva até o terreiro onde acontecerá a Queima do Cansanção – local diferente de onde ocorreu a Noite dos Passos –, momento em que homens e mulheres, dançando em círculo, tocam-se com galhos de cansanção. Os *praiás* não participam efetivamente do ato da queima com a urtiga. Cabe aos homens oferecer o sacrifício e a penitência aos *encantados* que, em contrapartida, ficam encarregados de protegê-los dos seres sobre-humanos que provocam a doença e o sofrimento e de garantir um mundo de fartura, saúde e bem-estar. Este é um momento de retribuição aos encantados pelo atendimento das promessas, principalmente aquelas referentes às curas de doenças (MATTA, 2009: p. 170, grifos da autora).

Pela tarde, após o almoço, o cantador é substituído pelos tocadores de rabo-de-tatu, pífano e maracá. Enquanto os *praiás* dançam, os participantes vão se preparando, fumando seus *campiôs* e sendo pintados com barro branco (figuras 03-04).

Todos os participantes dançam as três rodas (Figura 05), já com seus galhos de cansanção, enquanto outras mulheres vão levando os cestos para os terreiros seguintes.

As pessoas seguem dançando e cantando até o terreiro do meio, onde também dançam três rodas. Os tocadores ficam em frente ao terreiro, direcionados para o poente, e ao lado deles ficam os cestos enfileirados.

Os participantes seguem para o terreiro do Muricizeiro ao som do toante específico. Os cestos vão a frente e no caminho as duplas vão se formando. Os dançadores homens levam um galho de uma planta escolhida por ele para identificar seu cesto. Se um praiá for o dono do cesto, ele também marca seu cesto, pois há moças que oferecem seu cesto a um folgado e que podem dançar com ele. Somente os praiás, as moças e os dançadores participam da queimação com o cansanção. Após a queimação, toda a comunidade pode dançar *toré*.

Esse ritual acontece durante três finais de semana. No quarto domingo, é o mesmo procedimento, mas não há queima de cansanção. Todos se saúdam por tudo ter dado certo e se despedem fazendo promessas para o próximo ano. Então, vão a uma imbuzada e depois se preparam para subir a Aldeia Serrinha à espera pelo encontro com o mestre guia:

Para finalizar a Corrida do Imbu no Brejo dos Padres, as “moças” e os “zeladores *praiás*” oferecem a Imbuzada – caldo preparado com imbu cozido, açúcar e água – aos *encantados* e aos humanos, em retribuição aos pedidos atendidos. Este momento fortalece uma rede de cooperação, instaurando um canal de comunicação e de reciprocidade entre os *encantados* e os consumidores da bebida, reforçando os grupos de lealdade, as redes de sociabilidade e a relação entre os humanos e os sobre-humanos (MATTA, 2009: p. 170, grifos da autora).

Figura 03 – Pankararus a caminho do terreiro para a Dança da Cansação (Aldeia de Brejo dos Padres/PE).



Foto: Antônio Carlos Barros (2013).

Figura 04 – Ritual Pankararu da Dança do Cansação (Aldeia de Brejo dos Padres/PE). Foto do autor (2013).



Foto: Antônio Carlos Barros (2013).

Outros rituais

Outros rituais onde pode se destacar o uso de recursos naturais da caatinga são o Menino do Rancho e a Dança do Búzio.

O Menino do Rancho é um ritual indispensável de se comentar quanto ao uso dos recursos da caatinga, pois inclui o chapéu do ouricurizeiro, utilizado pelo menino. Tal menino é levado a um rancho devido a promessas feitas pelas famílias para os encantados: quando alcançadas as dádivas o menino é levado para o rancho, em um terreiro escolhido pela família, e lá acontece o ritual.

Os praiás, vestidos que são em número de vinte e dois ou mais, escondem a sua identidade com as longas vestes de *croá*, cobrindo totalmente os seus corpos. Os chamados padrinhos protegem o menino dos praiás, porque os mesmos querem pegar o chapéu do menino (figura 06). Se durante o tempo determinado os praiás não pegarem o chapéu, significa que os padrinhos foram mais fortes do que os praiás. E o ritual culmina com a destruição do rancho, enquanto os participantes dançam o toré. No final, um banquete é servido a todos pela mãe da criança.

A Dança do Búzio é uma dança dos ancestrais Pankararu, e pode ser dançado em qualquer época. Geralmente, os grupos se apresentam em escolas e em outras apresentações culturais pra mostrar a cultura Pankararu, mesmo porque os praiás não podem sair da aldeia pra outras apresentações.

Todos os participantes são pintados com toá (barro branco) e utilizam um chapéu de ouricurizeiro. Dois ou mais cantadores cantam os toantes com seus maracás. Assim, pode se destacar o uso do *toá*, barro também utilizado para a pintura corporal em outros rituais.

Por fim, outro componente importante dos rituais Pankararus são os terreiros, que simbolizam, literalmente, a ligação deste povo com a terra:

Os *encantados*, quando se manifestam por meio de *praiás*, utilizam os terreiros para a prática dos rituais. Cada terreiro está vinculado a determinado grupo de *encantados* e, conseqüentemente, seus 'zeladores'. Não são todos os 'zeladores de *praiás*' que dispõem de terreiros próprios. Aqueles que zelam apenas por um *praiá* ou que, em geral, possuem um *encantado* mais novo compõem o núcleo de lealdade de um xamã que zela por um grupo específico de *praiás* – 'batalhão', no vocabulário pankararu. O grupo de lealdade é formado pelas redes de parentesco, compadrio e amizade, eixo onde se desenrolam as relações de prestação e contraprestação (MATTA, 2009: p. 167-168, grifos da autora).

Figura 05 – *Praiás* dançam as três rodas para iniciar a queima do cansanção e, em seguida, o toré (Aldeia de Brejo dos Padres/PE).



Foto: Antônio Carlos Barros (2013).

Figura 06 – Chapéu confeccionado com palha do ouricurizeiro (*Syagrus coronata*), utilizado em rituais como Menino do Rancho e Dança do Búzio.



Foto: Antônio Carlos Barros (2013).

Considerações Finais

Os povos indígenas estão cada vez mais buscando aprimorar sua cultura, tradições, e valores, inclusive aqueles ligados aos recursos naturais, lutando pra preservar sua identidade. Assim são hoje os Pankararus, que tentam manter sua identidade, conservando sua história de luta e resistência, como as histórias dos heróis do passado.

Entendemos que o povo Pankararu valoriza bastante sua identidade, identidade esta que está intimamente ligada aos recursos naturais do bioma da caatinga. Afinal, na reserva Pankararu existem diversas espécies nativas da caatinga utilizadas nos ritos e em outras atividades das aldeias.

Assim, os recursos naturais da reserva Pankararu representam uma fonte de riqueza cultural que precisa ser conservada para as futuras gerações.

Referências

AB'SABER, A.N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Cultural, 2003.

AMORIM, I. L.; SAMPAIO, E.V.S.B.; ARAÚJO, E.L. Flora e estrutura da vegetação arbustivo-arbórea de uma área de caatinga do Seridó, RN, Brasil. **Acta Botanica Brasílica**, Feira de Santana, v. 19, n. 3, p. 615-623, 2005.

BRASIL (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

FERNANDES, A. **Conexões florísticas do Brasil**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI. Panakararu – Histórico. **Portal do Ministério da Justiça**. 2007. Disponível em <[INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Povos Indígenas do Brasil: quadro geral dos povos**. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>>. Acesso em 01 fevereiro 2013.](http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={A63EBC0E-BFB4-402A-8497-F1BCAA07164E}&Team=¶ms=itemID={B5621340-1202-4DBF-BEA8-4E83537F83D0};&UIPartUID={2868BA3C-1C72-4347-BE11-A26F70F4CB26}>>. Acesso em: 27 junho 2012.</p></div><div data-bbox=)

HUECK, K. **As florestas da América do Sul**. São Paulo: Polígono, 1972.

MATTA, P. Dois elos na mesma corrente: os rituais da Corrida do Imbu e da Penitência entre os Pankararu. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 18, p. 165-180, 2009.

Agradecimentos

Agradecemos ao povo Pankararu pelo apoio à pesquisa, em especial aos entrevistados.

Obs.: Este trabalho deriva da monografia de especialização em educação ambiental do primeiro autor.

Sobre os autores:

¹Antônio Carlos Barros
Pedagogo, formado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); especialista em educação ambiental (FALC/IEPE), é da etnia Pankararu, tendo atuado como professor de arte

indígena na Escola Pankararus. Atualmente é agente social da Prefeitura Municipal de Jatobá/PE.

Contato: araunan@yahoo.com.br

²Andrea Quirino Steiner – <http://lattes.cnpq.br/4242875650956043>

Bióloga (UFRPE), mestre em Zoologia (UFPB), doutora em ciência política (UFPE) e professora adjunta do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco – DCP/UFPE, onde realiza pesquisas sobre política ambiental.

Contato: ecodea@gmail.com